

UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes
Janara Sousa
Ruth Reis
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC
LIVROS

Um grito no ar

Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais

Organizadoras

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

Foto Capa Daniel Castellano (Gazeta do Povo)
Agradecimentos Ângela Alves Machado
Diagramação LaPCom
Apoio Lizely Borges



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac@unb.br

DIRETOR
Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA
Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti
(UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ALEXANDRE MARCELO BUENO.....	9
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
ANA JÚLIA RIBEIRO	26
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE	30
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE	34
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
BRUNELA VINCENZI.....	47
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
CARLA CERQUEIRA.....	52
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO	59
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
CICILIA M.KROHLING PERUZZO	65
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI	71
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
DÁRIO BOSSI.....	76
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
DEOLINDA CARRIZO	90
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
EDNA CALABREZ MARTINS.....	94
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
ERIKA CAMPELO.....	108
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
FRANCESCA GARGALLO.....	119
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN	134

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO	142
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA	150
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ	157
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
KEILA SIMPSON	166
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
LAM MATOS	173
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
LYDIA ALPIZAR	179
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
MÁRCIO ZONTA	193
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA	197
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA	206
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
MARIA LUCIA LOPES DA SILVA	217
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
MARINA POGGI	232
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO	242
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
MÔNICA CUNHA	259
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
OMAR CERRILLO GARNICA	265
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
PRISCILA GAMA	272
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
RAFAEL FORTES	277

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
RENATO JANINE RIBEIRO	288
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA	298
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA	305
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
TÂNIA CRISTINA CRUZ	311
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
TÂNIA MARIA SILVEIRA	316
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
THIAGO APARECIDO TRINDADE	325
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
VAGNER FREITAS	337
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
A CAPA	342
AS ORGANIZADORAS	343

“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)

comunicação popular. Acredito que o nosso desafio hoje é esse. E, claro, se houver alguma força social capaz de articular uma luta em torno da democratização dos meios, eu penso que seria uma possibilidade muito importante porque, de fato, para mim, essa deveria ser uma demanda crucial da esquerda no Brasil. Porque é impossível travarmos um diálogo com a sociedade brasileira em termos minimamente equilibrados sendo que os meios de comunicação estão sob o controle da classe dominante.

“Os movimentos sociais têm o papel de lutar pela democracia, pelos direitos dos trabalhadores, contra uma sociedade organizada só em torno do mercado”

VAGNER FREITAS

Ser visível é questão central

Francisco Verri²

Presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vagner Freitas de Moraes iniciou sua trajetória sindical no final da década de 80. Diretor do Sindicato dos Bancários em São Paulo, nos anos 90, e da Confederação Nacional dos Bancários (CNB) até 2003, foi um dos fundadores da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro. Ainda foi membro de organizações sindicais do Cone Sul e, desde 2006, participa da direção nacional da Central Única dos Trabalhadores. A frente da CUT, instituição com cerca de 3.500 entidades e mais de sete milhões de filiados, coordenou manifestações contra o impedimento da ex-presidenta Dilma Rousseff e de mobilizações contra as reformas trabalhista e previdenciária. Liderança de uma das principais centrais de trabalhadores do País, Vagner se configura como uma personalidade representativa em meio ao epicentro de crise política e institucional que o Brasil convive.

² Mestre em Ciências Sociais e doutorando em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UNB). E-mail: chicoverri@gmail.com

Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.

Os movimentos sociais começam a ter relevância no Brasil na década de 70, com o Movimento Contra o Custo de Vida e suas grandes manifestações. Uma história atrelada à grandes marcos da história nacional, como as Greves do ABC [1978 a 1981] e, mais tarde, a retomada da democracia com o fim da ditadura militar em 1985. Ainda, pelas lutas dos movimentos sociais, foi possível aprovar uma das melhores Constituições da América Latina, com várias garantias aos trabalhadores. A partir da década de 90, inicia-se um período neoliberal, com Fernando Collor de Mello e se estende pelos dois mandatos do Fernando Henrique Cardoso. Período problemático aos movimentos sociais, que convivem com um processo de desregulação social, os obrigando a ir ao Estado em busca do acesso às políticas públicas e de regulamentações que modificassem a vida do povo. Em contraposição ao neoliberalismo, houve um movimento de conquista da hegemonia não só a partir dos movimentos sociais, mas também, no aparelho do Estado.

Com as eleições de Lula e Dilma, os movimentos passaram a ser respeitados como interlocutores. Negociavam e influíam nas formulações de políticas públicas. Não foram atendidas todas as reivindicações, muito deixou de ser feito, mas é muito diferente de um governo golpista [refere-se ao presidente Michel Temer], que já por não ser eleito, não tem compromisso com a democracia e nem respeito com as divergências, com o contraditório que representa as posições dos movimentos sociais.

Os movimentos sociais têm o papel de lutar pela democracia, pelos direitos dos trabalhadores, contra uma sociedade organizada só em torno do mercado. É preciso investir em iniciativas, como a Frente Brasil Popular e a Frente Povo sem Medo, que geram uma organicidade em torno de movimentos de diferentes representações da sociedade. Para uma democracia é preciso da representação governamental e de uma força social organizada com capacidade de impor suas demandas pela sua mobilização, pela sua força, pela sua vontade. Hoje, o Brasil tem um governo com ampla governabilidade dentro do Congresso Nacional e nenhum na sociedade. Ao seu lado, apenas os grandes veículos de comunicação.

Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.

São noticiados como marginais. Tem uma grande mídia hegemônica pelo capital que tenta marginalizar o movimento. Bate de frente por uma questão política e ideológica. Os movimentos são outra alternativa de poder, pelo qual, a sociedade se manifesta. É um instrumento contra-

hegemônico em um País altamente oligopolizado e dominado por uma elite conservadora. Tanto é, que quando os movimentos começam a combater os interesses da grande mídia via internet, rádios comunitárias e educativas, surge uma reação e o enfrentamento por parte dos veículos tradicionais. Embora, todos sejam conservadores, a Rede Globo de Comunicação é a pior. É a que mais precisa ser combatida. É a principal defensora do grande capital, do capital rentista. Sem ela não haveria golpe.

De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.

Completamente. A imprensa estereotipa, quando diz que estamos lutando contra a reforma trabalhista pelo imposto sindical. A CUT é contra o imposto sindical e a imprensa não diz. Exceção, para a década de 70, quando parte da imprensa teve papel importante no reconhecimento dos movimentos sociais, durante o primeiro ascenso. Período de organização e maior capacidade de diálogo com a sociedade. Em 79, tudo muda. No momento em que os conflitos começam a se acirrar, os veículos tomam lado. Começa o processo de desmonte, de ataques, das acusações de corporativismo. Deixam de noticiar os movimentos como ações populares para classificá-los como organizações orientadas por interesses políticos e ideológicos. Cria-se estereótipos sob visões distorcidas de países como Cuba e Venezuela. Estrutura-se uma série de estereótipos para eliminar elementos chaves do processo de disputa hegemônica: a crença e o valor. A mídia tradicional repete esse processo diuturnamente com diversos movimentos, como o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra] e o MTST [Movimento dos Trabalhadores Sem Teto].

Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?

A vinculação é com o capital que os financiam. A imprensa brasileira é extremamente ideológica e movida pelos interesses do capital financeiro que os sustentam com seus anúncios. Uma vinculação política com governos conservadores, como o atual, que só existe pelo conluio com a mídia. Defendem o *estabeleshiment*, o domínio do capital sobre o trabalho. São veículos de comunicação espalhados pelo Brasil, monopolizados na Ditadura Militar. Primeiro com a Globo e, depois, com a concessão a uma pequena elite que domina a mídia brasileira. Grupos hegemônicos que sempre foram um obstáculo para a democratização midiática no País.

As consequências são as piores. Atrapalham, pois querem acabar com a classe trabalhadora organizada, com a organização dos sindicatos e movimentos sociais, com os direitos sociais. Se

observar todos os atos importantes, em algum momento, gritam ‘abaixo a Rede Globo, o povo não é bobo’. Historicamente, a mídia tem deturpado as manifestações sociais. Fazemos piquetes pacíficos, a polícia agride e a mídia noticia que quem provocou a confusão foram os manifestantes. Na greve de 1980, quando o Lula foi preso, a Globo fazia campanha massacrando o movimento e o ex-presidente. Seguem uma linha política e ideológica consistente com os interesses de quem os financiam. Querem a todo custo governar por quem estiver na presidência da República.

Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.

Há uma grande diferença. Embora os veículos tenham bastante semelhança, uma mídia igual ao Brasil está para nascer. Se for para a Argentina, por exemplo, e analisar a cobertura dos movimentos, verá diferenças. Lá eles mostram o movimento, noticiam o ato e as reivindicações. É claro que ainda dão o tom, conforme os interesses do veículo. Porém, mostram. Aqui omitem, como se não houvesse nada. Manifestação com 1 milhão de pessoas, é divulgada com 10 mil. Manifestação do público que defende as teses deles tem 100 mil e eles colocam 1 milhão. É uma abordagem seletiva que dá o tom político e ideológico.

Mas não é assim em todo o lugar, A Al Jazeera mostra também a opinião dos americanos. A TV Cubana, a Telesur, da Venezuela, mesmo com uma versão mais arraigada, noticiam o outro lado. Um exemplo no Brasil foi a cobertura do ato em Curitiba [ato político em apoio a Lula, no Centro de Curitiba no dia 10 de maio de 2017, durante o depoimento do ex-presidente ao juiz Sérgio Moro]. Um link da TVT [emissora educativa outorgada à Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Funcionários de São Paulo, Osasco e Região] foi utilizado para a cobertura de jornais e televisões da Alemanha, França, Itália, Europa como um todo, quebrando a resistência da mídia interna.

Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.

Do ponto de vista sociológico, qualquer movimento só existe quando é visível. Ser visível é questão central. Se não houver visibilidade, as lutas e demandas levantadas não existem para o Estado. Os grandes movimentos populares na década de 70 e 80 só conquistavam a negociação,

o sentar-se à mesa, quando iam para o confronto e todo mundo ficava sabendo. Ou pela cobertura dos meios de comunicação ou pela criação dos fatos que gera visibilidade.

O reconhecimento do movimento social passa pela sua visibilidade. Passa pela construção de espaço nos meios de comunicação, para defender suas teses, suas reivindicações, as contradições.

É nesse sentido que a primeira coisa a ser feita é regular os meios de comunicação. É necessária uma legislação que regule os veículos de comunicação, que no Brasil se comportam como partidos políticos da burguesia contra os trabalhadores. Também deve potencializar as TVs regionais, dos movimentos sociais, comunitárias. Potencializar uma mídia oriunda dos movimentos e não da mídia conservadora. Também aproveitar as redes sociais online que mudaram o mundo. A informação, o contraditório, a divergência é muito mais rápida com essas novas ferramentas. A CUT tem investido para ter uma comunicação bastante eficiente.

Considerações finais

Parabéns pela iniciativa da Faculdade de Comunicação [FAC/UNB] do Lapcom [Laboratório de Políticas de Comunicação]. É fundamental o debate sobre o papel dos movimentos sociais no Brasil e sua relação a mídia.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)



Universidade de Brasília

